

PAUL PRECIADO: O MUNDO SOB O SÍGNO DA DISFORIA

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 568 p.

Francisco Jadson Silva Maia¹

Paul B. Preciado é um filósofo espanhol e um dos principais pensadores contemporâneos sobre as questões relacionadas ao corpo, à sexualidade e ao gênero. Publicou os títulos “Testo junkie” (2018), “Um apartamento em Urano” (2020) e “Eu sou o monstro que vos fala” (2022), que tematizam sua experiência de transição de gênero, enquanto analisam diversos acontecimentos que estabelecem a ordem social e política atualmente. Dando continuidade ao seu projeto filosófico, “Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando” (2023) mobiliza um vasto repertório, que reúne teorias da linguagem, da imunologia e da tecnologia para desvelar o presente sob o signo da disforia. Partindo do diagnóstico psiquiátrico de “disforia de identidade de gênero” imposto às pessoas transexuais, o pensador desloca e ressignifica essa noção como uma chave de leitura de um mundo em transição, marcado pela gestão planetária da covid-19, escalada de conflitos, o recrudescimento dos processos migratórios, os levantes antirracistas, feministas e anticolonialistas e as mudanças climáticas. O objetivo do livro é realizar um zap filosófico para interpretar esse conjunto de fenômenos heterogêneos, apontando não só a evidente crise, mas também a brecha epistemológica e política que se apresenta. Trata-se de uma proposta que tem Günther Anders como uma das principais referências, uma vez que os horrores da guerra e o perigo nuclear voltaram a assombrar a humanidade.

A obra, que possui 568 páginas, está organizada em sete capítulos. O principal argumento articula a tensão entre dois movimentos antagônicos: as forças emancipadoras e as forças conservadoras. É colocada em perspectiva que os diversos problemas que se avolumam atualmente podem representar, por um lado, a oportunidade de uma iniciativa coletiva e planetária que visa, simultaneamente, a “descarbonização, despatriarcalização e descolonização” (Preciado, 2023, p. 64) ou, ao contrário, a resignação diante da “nova aliança



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutor em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Pesquisador - Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura; E-mail: fjadsonmaia@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0148-3975>.

do neoliberalismo digital e dos poderes petrossexoraciais” (Preciado, 2023, p. 64), aprofundando a desigualdade econômica, a opressão racial, sexual e de gênero e a devastação da biosfera.

O embate entre as duas dinâmicas configura não só o tempo corrente, mas põe em xeque o futuro. A emergência da Covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020, é apontada como o evento definitivo para a mutação política necessária, pois arrastou toda a comunidade global para uma inflexão. Segundo Preciado (2023), aquele ano evidenciou o colapso epistêmico da modernidade petrossexoracial e de suas categorias intrínsecas (racismo, sexism, feminicídio e aquecimento climático). Em suma, o ano considerado como canibal, como coloca o filósofo, assinalou não só que “os diferentes relógios do mundo sincronizaram-se” (Preciado, 2023, p. 35), mas uma crítica peremptória ao modelo de desenvolvimento empunhado até aqui. Assim, a tarefa política é, simultaneamente, desmontar as formas de opressão da modernidade capitalista e inventar tecnologias sociais que partam de pressupostos comunitários ou simbióticos, não extrativistas e hierárquicos.

O primeiro capítulo, “*Dysphoria mon amour*”, aborda a trajetória do conceito de disforia. No início do século XX, a disforia compreendia diversos transtornos psiquiátricos, como casos de depressão e ansiedade, além de quadros emocionais de euforia, medo e até dor generalizada. Ela ressurge nos anos 1960, substituindo algumas taxonomias patológicas, como histeria, melancolia e transexualidade. Enquanto a histeria e a melancolia foram superadas pela ausência de marco institucional, a transexualidade foi contestada como operador de abuso e de submissão dos “doentes”. No entanto, essa indefinição conceitual se manteve na quinta edição do “Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais” (“Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM”), publicada em 2013, na qual o termo disforia aparece numa profusão de condições, como “transtorno depressivo maior” e “transtorno bipolar”, mas também permeia o “transtorno pós-traumático” e a “disforia de gênero”.

A apresentação desse cenário estabelece como a gestão da subjetividade e do corpo vivo são elementares à modernidade capitalista, que tem na disforia seu signo cabal. Os governos neoliberais de Ronald Reagan e Margaret Thatcher foram decisivos para a consolidação de um mundo disfórico, em que o sofrimento e o desejo são continuamente estimulados, geridos e tratados. Ambas as experiências foram guiadas pela austeridade em relação às terapias que valorizavam a voz do grupo, ou do suposto doente, enquanto as terapias medicamentosas, químicas e comportamentais foram incentivadas. Aqui, são

lançadas as bases conceituais que irão permear a argumentação, tais como *dysphoria mundi*, capitalismo ou modernidade petrossexorracial, capitalismo farmacopornográfico e necrobiopolítica, detalhadas nos tópicos posteriores.

“Hipótese revolução”, o capítulo seguinte, sinaliza como a crise sanitária, representada pelo novo coronavírus, abalou o consenso do capitalismo como único projeto sociopolítico viável desde a queda do Muro de Berlim. O espalhamento global da doença demarcou o fim do realismo capitalista, ideia de Mark Fisher, que designa que, depois da dissolução da União Soviética, o capitalismo se firmou como uma “clausura da imaginação: não havia horizonte de sentido fora do capitalismo mundial” (Preciado, 2023, p. 40). O evento traumático, que teve como epicentro a cidade chinesa de Wuhan, não só libertou a imaginação pública para pensar alternativas, mas esclareceu o “custo ecológico, social e político da opressão racial, sexual e somática e de classe” (Preciado, 2023, p. 41) que impregna a economia capitalista, herança patriarcal e colonialista ainda não superada. Assim, devemos entender como capitalismo petrossexorracial: “[...] o modo de organização social e o conjunto de tecnologias de governo e de representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais desde a Europa até a totalidade do planeta” (Preciado, 2023, 42). Esse sentido de capitalismo, portanto, enfatiza a transversalidade das formas de violência nos âmbitos ecológico, racial e sexual.

A queima de combustíveis fósseis e a classificação segmentada e hierárquica dos corpos vivos em raça, sexo e sexualidade assentaram o percurso histórico e substanciaram uma estética entendida como uma relação significativa entre o modo de organização da vida, a configuração da percepção e a estruturação dos sentidos comuns. A estética da modernidade petrossexorracial é caracterizada, portanto, como “um regime de saturação sensorial e cognitiva de captura total do tempo e de ocupação expansiva do espaço” (Preciado, 2023, p. 43). A conclusão é que contemporaneidade possui resíduos do patriarcado e do colonialismo, que, longe de serem apenas ideologias, devem ser entendidos como epistemologias. Eles estruturam regimes de representação, técnicas de corpo e tecnologias de poder. Nesse sentido, o gênero, o sexo, a sexualidade e a raça são tecnologias que outorgam expedientes de dominação, ao passo que foram socialmente e historicamente construídas. Segundo Preciado (2023), a revolução deve operar no nível de uma transição epistêmica, descartando uma série de categorias binárias (homem/mulher; heterossexualidade/homossexualidade; branco/negro; humano/animal etc.) e de identidades pré-configuradas, que serviram mais para reiterar a submissão de mulheres, negros e dissidentes de sexo e gênero do que para a sua emancipação.

Na parte seguinte, intitulada “Heroína eletrônica”, a intensa presença da *internet* e a digitalização das atividades, através das plataformas de redes sociais, são elementos que contaminam o corpo e a linguagem, produzindo um efeito de dependência química, análogo ao de uma droga. As tecnologias se firmaram não como forças emancipadoras, como articulou a teoria da performatividade de William Burroughs, na qual as câmeras de vídeo deveriam ser utilizadas como ferramentas de denúncia pela sociedade civil contra os desmandos do Estado, mas como próteses de controle miniaturizadas, como o smartphone. No entanto, a tarefa do artista, do ativista e do filósofo deve ser a reapropriação crítica dessas mesmas tecnologias, em que a linguagem seja trabalhada como inoculação ou vacina, isto é, como *phármakon*. Assumindo esse papel, é possível realizar um contraponto aos discursos político, publicitário e psiquiátrico.

Os capítulos “Notre-Dame das ruínas: prelúdio” e “Dysphoria mundi” demonstram como diferentes aspectos sociais, políticos e culturais estão passando por intensa mutação, e que diversos acontecimentos guardam íntima relação entre si. O estilo de escrita presente em todo livro, que mescla passagens autobiográficas, ensaísticas e capacidade analítica, chega ao seu ápice. Além disso, o autor encerra as partes com orações fúnebres, com intenso humor profanador. Nesse sentido, o incêndio da catedral Notre-Dame em 2019 é interpretado como a derrocada da modernidade petrosexorracial, pois o prédio vocaliza, ao mesmo tempo, a identidade nacional francesa, o ritmo frenético da atividade turística e a exclusão daqueles que dormem em suas calçadas. Não adiantaria simplesmente reconstruir a igreja sem encarar suas ruínas e repensar as bases da história moderna. Com isso, a reflexão vai traçar uma linha contígua entre diversos eventos do século XX, como a Segunda Guerra Mundial, a bomba atômica e o campo de concentração de Auschwitz, o acidente nuclear de Chernobil e a gestão da epidemia de aids. O intuito é desvelar que o estado do mundo já era alarmante antes mesmo da Covid-19.

O tempo, a identidade, a biopolítica, as fronteiras, a vigilância e os próprios sentidos são eixos *out of joint*. A expressão, em inglês, dá conta da relação de disjunção com o tempo, atravessada pela ansiedade e depressão. Destaca-se a noção de necrobiopolítica, fusão dos conceitos “biopolítica”, de Foucault, e “necropolítica”, de Mbembe. “Não há tecnologia biopolítica de poder que não funcione ao mesmo tempo como tecnologia de morte [...]”, escreve Preciado (2023, p. 115). Biopolítica encampa duas frentes argumentativas. Por um lado, é utilizada para analisar os paralelos entre o enfrentamento da AIDS e da Covid-19, e, por outro, descreve as políticas antimigratórias e sua vinculação com discursos heteropatriarcais naturalistas, populistas e nacionalistas.

O aparecimento da AIDS estigmatizou homossexuais, trabalhadores do sexo e usuários de heroína. De forma semelhante, o vírus SARS-CoV-2 gerou elucubrações a respeito da origem da doença e de seu paciente zero. “O vírus atua à nossa imagem e semelhança, não faz mais do que replicar, materializar, intensificar e estender a toda população as formas de exploração econômica e de gestão biopolítica”, e conclui: “o vírus, como ensinou Derrida, é o estrangeiro, o outro, o estranho, não só para o corpo, mas também para a comunidade” (Preciado, 2023, p. 111). Assim, a soberania, baseada na preservação de uma suposta pureza da identidade nacional, acabou legitimando o sacrifício de outras vidas, como atesta o caso nazista.

Com efeito, lembra-se aos movimentos de emancipação o paradoxo da luta identitária. Para combater as opressões, essas minorias subalternizadas não devem permitir que as diferenças sejam reforçadas. O discurso de exasperação das diferenças está presente na estratégia de líderes da ultradireita, como Bolsonaro, Trump e Putin. As políticas de identidade reúnem as dinâmicas de revolução (movimentos de minorias subalternizadas) e de contrarrevolução (reapropriação da identidade nacional). Ao contrário, a ação política deve procurar desfazer os universais, ao mesmo tempo em que se cria condições para a abertura do horizonte democrático, incluindo a desnaturalização da raça e da diferença sexual. É descartado então o paradigma da interseccionalidade, pois o que se pretende é uma ação pós-identitária.

“Mutação intencional e rebelião somatopolítica” e “Carta aess noves artistes: posfácio”, as duas últimas e breves partes, salientam as nuances da nova epistemologia. As revoltas dos corpos subalternizados, entre elas *Me Too* e *Black Lives Matter*, são destacadas como evidências da alvorada de um sujeito político, denominado de lumpén somatopolítico, composto pelas alianças de todas as identidades inventadas pela taxonomia petrossexorracial. Evidente, assim, a provocação com o conceito marxiano de lumpemproletariado e sua impossibilidade de levar a cabo a revolução.

“Dysphoria mundi” (2023) é um esforço de dissecação do tempo presente, retomando teses basilares do filósofo, como as dimensões farmacológica e pornográfica da economia (Preciado, 2018) e o questionamento da definição normativa da doença, que patologizou as experiências homossexuais e transexuais (Preciado, 2022), mas também assinalou novos pontos de vista. A forma ensaística pode representar um desafio àqueles que não estão familiarizados com o estilo, mas também pode envolver parte do público na trama complexa na qual estamos implicados. Com esse intento de fôlego, Preciado (2023) faz interlocução com destacados autores que permitiram, cada um à sua maneira, o exame do planeta em transição, como Butler, Graeber e Haraway.

Referências

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

_____. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

_____. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Recebido em dezembro de 2024.

Aceito em janeiro de 2025.